



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

## FILOSOFIA E PSICOLOGIA NA OBRA DE WILLIAM JAMES: UMA NOTA INTRODUTÓRIA SOBRE O PROBLEMA DO *SUJEITO*

Paulo Gilberto Bertoni\*  
(UESB)

### RESUMO

O objetivo desse artigo é explorar a possibilidade de diálogo entre Filosofia e Psicologia na obra de William James (1842-1910) a partir de uma abordagem introdutória ao problema do *Sujeito*, tendo como referência principal os *Princípios de Psicologia*, publicado em 1890. A exposição parte da reivindicação de uma abordagem eminentemente empírica do fenômeno psicológico, enfatizada por James no capítulo IX dos *Princípios*, intitulado *O Fluxo do Pensamento*, e acompanha suas implicações no exame do *Self*, capítulo X do mesmo livro. Espera-se, ainda, destacar as contribuições do autor para os interessados no tema em qualquer um desses recortes.

**PALAVRAS-CHAVE:** William James. Filosofia. Psicologia. Sujeito.

### INTRODUÇÃO

William James (1842-1910) é, no mínimo, um personagem controverso na história do pensamento contemporâneo. Sua presença constante, ainda que tímida, tanto nos manuais de Filosofia quanto nos de Psicologia é índice de seu prestígio histórico; todavia, a forma superficial e fragmentada em que figura nesses textos mostra um interesse tímido ou pontual acerca de sua obra. A escolha da maneira

---

\* Doutor em Filosofia, Professor Adjunto da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, membro do GEPAD. E-mail: pgbertoni@hotmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

pela qual introduzi-lo, por exemplo, é reveladora. Algumas vezes é apresentado como *filósofo*; outras, como *psicólogo*. Na maioria das introduções, contudo, recebe ambos os predicados, mas a ordem em que aparecem é influenciada pela posição ou viés assumido pelo comentador ou historiador.

A dificuldade e, até, o embaraço em enquadrá-lo, prioritariamente, em uma das disciplinas são compreensíveis, já de início, por sua trajetória (intelectual). Nascido em uma rica família de protestantes do norte dos EUA, James recebeu uma educação intensa, requintada e, acima de tudo, diversificada. Sua vida acadêmica inicia-se com o curso de medicina na Universidade de Harvard, instituição na qual tornar-se-ia, em momentos distintos, professor de Fisiologia, Psicologia e Filosofia. Sua produção (formal) está distribuída ao longo de quatro décadas e abrange, prioritariamente, os dois últimos campos.

A cronologia de sua produção acadêmica e, principalmente, as sucessivas mudanças de cátedra, tornaram corriqueira a hipótese, adotada na maioria dos trabalhos menos especializados, de uma passagem progressiva dos interesses de James da Fisiologia (décadas de 1860 e 70) para a Psicologia (anos 80) e, daí, para a Filosofia (a última década do século XIX e a primeira do século XX). A tendência dos comentários mais ciosos, no entanto, é bem diferente, ainda que controversa. Via de regra, acentua-se a relação intrínseca entre as áreas, especialmente Filosofia e Psicologia, ainda que a ênfase penda ora para uma outra ora para outra; isto é, por vezes sua psicologia é interpretada como elaboração rudimentar de problemas de natureza eminentemente filosófica e que, portanto, só seriam tratados com o devido cuidado na filosofia de seu período final de produção; por outro lado, sua filosofia é tida como desdobramento dos *insights* indicados em sua reflexão psicológica, a qual, vale a pena destacar, representaria um projeto mais



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

complexo do que o modelo experimental disseminado na segunda metade do século XIX<sup>83</sup>.

Qualquer que seja a posição defendida para interpretar, de forma sistemática, o pensamento de James, é inevitável, portanto, abordar a relação entre as disciplinas; seja ela harmônica ou conflituosa. O objetivo desse artigo é destacar a fecundidade de um diálogo entre Filosofia e Psicologia na obra de William James a partir de uma abordagem introdutória ao problema do *Sujeito*, tendo como referência principal os *Princípios de Psicologia*, publicado em 1890. A exposição parte da reivindicação de uma abordagem eminentemente empírica do fenômeno psicológico, enfatizada por James no capítulo IX dos *Princípios*, intitulado *O Fluxo do Pensamento*, e acompanha suas implicações no exame da *Consciência do Self*, capítulo X do mesmo livro. Espera-se, ainda, destacar as contribuições do autor para os interessados no tema em qualquer um desses recortes.

A *consciência do Self*, o texto central utilizado aqui para o exame do problema do sujeito, aparece, como dito, imediatamente após *O fluxo do pensamento*. Na organização do livro, esses capítulos inauguram aquilo que James indica como “o exame da vida mental a partir de seu interior” e algumas considerações sobre a relação entre eles são significativas para a compreensão do problema em questão.

A primeira observação diz respeito à estratégia utilizada para estudar o *pensamento* (o termo assume, nesse contexto, a conotação mais ampla possível, significando a totalidade da experiência psicológica, atividade consciente etc.). A proposta tem como ponto de partida um interesse explícito pelo fenômeno psíquico e uma preocupação em relação aos compromissos assumidos por diferentes autores em sua investigação. A exposição é precedida pela aspiração quanto à possibilidade de que o próprio verbo *pensar* fosse impessoal; ou seja, se fosse

---

83 A bibliografia sobre esse tópico é demasiadamente extensa para ser incluída aqui. Como referências obrigatórias na interpretação da obra de James em momentos distintos e com ênfases diferentes pode-se destacar Perry (1935); Myers (1986) e Taylor (1996).



possível falar *pensa-se* da mesma forma que é possível dizer *chove* ou *venta*, uma série de dificuldades seriam evitadas. Constata-se, nessa indicação, uma preocupação do autor com as armadilhas da especulação, o que significa, dentre outras coisas, não vincular o fenômeno, descrito graças à introspecção, com suas possíveis causas. Para James, o dado inicial com o qual o se deve lidar é um *fluxo de pensamento* e sua tarefa é apresentá-lo em todas suas nuances.

O resultado dessa investigação é, aproveitando o trocadilho, a apresentação do *pensamento como um fluxo*; ou seja, como uma *unidade ininterrupta*, intrinsecamente constatada na experiência psicológica<sup>84</sup>. James encontra, nessa conclusão, uma formulação alternativa ao que denomina “concepções tradicionais” da atividade mental e que, supostamente, evita seus equívocos (ela é empírica, já que garante a unidade a partir da experiência e não recorre a princípios abstratos de explicação, como, por exemplo, à noção de *substância* e engloba aspectos que escapam a outras posições empiristas); pode, portanto, servir de ponto de partida ao projeto da *nova ciência*.

A apresentação do fenômeno psicológico, nestes termos, visa uma psicologia cujo objeto esteja circunscrito a um horizonte passível de alcance concreto; livre, na medida do possível, da tendência especulativa que marca o passado da disciplina. Ao utilizar a exposição como compreensão alternativa a algumas concepções, o autor se diz mais interessado em sua precisão factual e consequências metodológicas do que, propriamente, em suas implicações teóricas. Essa intenção pode ser acompanhada na resposta de James a uma das críticas acerca desse tema.

Aquele capítulo [*O fluxo do pensamento*] foi realmente escrito como um pedaço de descrição popular, para mostrar (primeiro) a maneira natural pela qual nossa vida mental apareceria para um homem que não tivesse teorias, e (segundo) para apontar certas omissões e dificuldades envolvidas no tratamento dado ao

---

84 Esse problema é desenvolvido em Bertoni & Pinto (2007).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

assunto pela teoria das idéias<sup>85</sup>. Eu devo lamentar o fato de que isso tenha sido tomado como uma ‘teoria’ de minha parte; particularmente, não tenho nenhuma teoria definida de como a consciência das relações pode aparecer<sup>86</sup>.

O problema aqui se resume ao alcance, e consequências, da *descrição*, tomada como método que permite “mostrar a maneira natural pela qual nossa vida mental apareceria para um homem que *não tivesse teorias*”. Como dito, a reivindicação que encabeça o exame da vida mental é de natureza empírica e pretende oferecer, com a maior riqueza possível, as características do fenômeno em questão, sem compromissos ou, mais precisamente, preconceitos teóricos. Tomada em sua acepção mais forte, essa “metodologia” de pesquisa em Psicologia pode, contudo, ser verticalizada para além da ciência positiva; ou seja, se a descrição alcança a *essência* do fenômeno sem abandonar o *campo* da experiência ela parece ir além do discurso positivo da ciência, ainda que ele não se reconheça na mesma posição da tradição especulativa.

Trata-se, justamente, de um tema de pesquisa em James que explora a relação entre sua psicologia e sua filosofia e que ilustra, também, a fecundidade dessa interlocução na virada do século XX<sup>87</sup>. À luz, principalmente, do *Empirismo Radical*, alguns intérpretes tendem a ver na exposição sobre o fluxo não uma simples descrição psicológica, mas o esboço de uma metafísica<sup>88</sup>. Tal polêmica se intensifica com as considerações sobre o *Self*.

O título “A consciência do *Self*” ressalta a intenção já destacada: seu objetivo é identificar, via introspecção, aquilo que o termo<sup>89</sup> abrange. O programa para

---

85 Um artigo publicado anos antes do livro, e que fornece boa parte do material presente no capítulo sobre o fluxo do pensamento, é intitulado, justamente, *On some omissions of introspective psychology*.

86 Trata-se da resposta de James aos quatro artigos de L. Marillier, “La psychologie de WJ”, publicados na *Revue Philosophique*, XXIV (1892), XXXV (1893). Ver Perry (1935), vol. II, pp. 102-103.

87 Pode-se destacar, por exemplo, H. Bergson.

88 Para uma exposição mais ampla sobre esse tema, ver McDermott (1976).

89 O interesse de James sobre o tema é mais amplo do que o recorte feito nesse trabalho e contempla, nas seções finais do capítulo, o aspecto místico e psicopatológico. Para mais detalhes, pode-se recorrer ao artigo *The hidden self* e ao livro editado por Taylor *William James on exceptional mental states: The Lowell lectures*.



atingir essa meta é apresentado já na abertura do texto. “Começemos com o *Self* em sua aceitação mais ampla e sigamo-lo até seus aspectos mais delicados e sutis, avançando do estudo do *Ego*<sup>90</sup> empírico, como os alemães o chamam, para o [Ego] puro” (James 1981, p. 279).

Notamos que a exposição é organizada do mais amplo, mais simples ou menos controverso, estreitando-se para as questões mais sutis, e polêmicas, e que isso significa proceder do aspecto empírico do *Self* para sua feição, supostamente, *pura*<sup>91</sup>. James utiliza os termos *Me* e *I*<sup>92</sup> para representar, respectivamente, os aspectos *empírico* e “*puro*” do *Self*. Grosso modo, eles revelam a polarização entre aquilo que, na própria experiência subjetiva, pode ser tomado como objeto e, por outro lado, algo que o reconhece dessa forma. Em um sentido corriqueiro, quando alguém se lembra de uma dada circunstância passada e reconhece o evento como parte de sua história trata a lembrança como uma parte de si que pode ser recuperada, o que a torna, portanto, parte empírica de seu *Self* (*Me*). E justamente aquilo que opera tal reconhecimento; isto é, que o torna possível, é tratado como *Eu*, em sentido forte, e que se costuma denominar como *Sujeito*.

O exame do *self* empírico começa com a indicação da dificuldade encontrada ao se tentar diferenciar aquilo que *somos* daquilo que *temos*. Essa observação se ampara na similaridade entre a forma como alguém, por exemplo, cuida *de si* ou de seu filho; quando comemora suas *próprias* conquistas ou as de algum amigo e quando reage ao insulto *a si* ou à sua companheira. Tal semelhança, constatada entre a forma de *agir* e de *sentir* nas duas situações, parece, segundo James, tornar bastante tênue a linha que separa “*eu*” de “*meu*”<sup>93</sup>. Se isso for reconhecido, é

---

90 Tanto *Ego* como *Self*, escritos com letra maiúscula, figuram aqui como a totalidade da vida subjetiva e, nesse contexto, as duas expressões podem ser usadas como sinônimos.

91 É preciso cuidado para não confundir esse plano de investigação com a posição assumida por James acerca do tema; o decorrer do texto evidenciará que uma de suas implicações é esvaziar a noção de um *Ego puro*.

92 Por exemplo, *Eu fiz isso* e *Este sou eu* (em inglês, a expressão *This is me* expressa com menos ambiguidade a polaridade).

93 No texto original a questão é mais facilmente colocada; isto é, como delimitar o que é *me* e o que é *mine*.



preciso admitir a dificuldade que cerca o tema e caracterizar o *self* empírico “como a soma total aquilo que o homem pode chamar de seu” (p. 279).

O preâmbulo que culmina nessa definição geral reúne os elementos que permitem acompanhar a estruturação e o encadeamento do texto. Em primeiro lugar, a aproximação entre *o que somos* e *o que temos* cria uma condição mais direta para a investigação do tema; ou seja, o *self* empírico pode ser tomado como algo composto por certos 'elementos'. Segundo, tal aproximação só é possível porque James estabelece um critério explícito para a relação de pertencimento: as *ações* desencadeadas e as *emoções* experimentadas. Com base nisso, podemos dizer que três objetivos distintos se articulam na exposição do *self empírico*: a identificação de seus diferentes *componentes*, o inventário de suas emoções e reações típicas e o estabelecimento da gênese dos primeiros com base nessas últimas.

James organiza os componentes em categorias distintas, que ele denomina *self material*, *social* e *espiritual*. No primeiro, inclui o corpo, as posses íntimas ou mais gerais. Como seu aspecto social, refere-se, principalmente, às imagens que os outros formulam sobre nós e que nos permitem traçar uma, ou algumas, facetas possíveis; por último, refere-se às habilidades e capacidades psíquicas e cognitivas como o aspecto 'espiritual' que nos compõem com a qual tendemos a nos identificar mais do que qualquer outro aspecto.

Dois termos são utilizados para representar a polaridade original das emoções ligadas ao *self*: *self-complacency* e *self-dissatisfaction*. Eles indicam, como vários outros poderiam igualmente fazê-lo, a oposição entre os sentimentos de aprovação e reprovação, acolhimento ou repulsa, experimentados em diferentes situações. Os padrões básicos de ação reúnem os comportamentos de *self-seeking*, atitudes de autocuidado, e *self-preservation*, ações que visam a preservação. Embora os detalhes descritivos sejam interessantes, vale destacar aqui que tanto



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

as emoções quanto as ações são apresentados como padrões instintivos; isto é, formas de relação *imediata* com o meio.

Dizer que são padrões de relação imediatos significa prescindir de uma condição reflexiva para nortear/originar a reação/emoção. A criança que chora por atenção, que desvia o olhar rapidamente de um objeto aterrorizante não o faz porque *sabe* o bem que lhe faz a atenção e o conforto que lhe traz evitar a visão de algo ruim, mas, simplesmente, porque não pode evitar. Em outras palavras, tratar esses padrões como imediatos significa que não é necessário – e talvez seja até equivocado – interpretá-los como cuidado ou atenção com algum princípio interno de existência. O *self* não é, portanto, a fonte primeira que dissemina e orienta a intenção de cuidado para com os mais variados objetos porque estes lhe pertencem, mas é a identificação desse cuidado que permitem o estabelecimento objetivo daquilo que compõe, empiricamente, este *self*.

A vinculação a esse programa evolucionista elimina, também, o aspecto totalmente indeterminado que poderia advir das indicações anteriores. A história filogenética torna o organismo parcial a determinados aspectos, como, por exemplo, seu próprio corpo. Sem o mínimo de cuidado inicial com ele, sequer seria possível a gênese dos outros componentes do *self* empírico; ou seja, sem essa manutenção e desenvolvimento do próprio corpo, sequer seria possível formular a noção um princípio interno de existência alcançado graças ao aspecto reflexivo do pensamento. Neste sentido, podemos dizer que “*As palavras ME e SELF, portanto, na medida em que despertam sentimento e conotam importância emocional, são designações OBJETIVAS, significando TODAS AS COISAS que têm o poder de produzir em um fluxo de consciência uma excitação de determinado tipo*” (PrP, vol. I, p. 304, grifos do autor).

O exame do *Self* se completa, como dissemos, com o problema do *I* ou *Ego puro* como é tratado, segundo James, por alguns autores. Novamente, e agora “em última instância”, a investigação pretende superar o dilema entre Hume e os





ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

'Espiritualistas' (PrP, p. 314) e, para isso, James norteia-se por dois objetivos: a garantia de uma unidade no fluxo de pensamento e o cuidado para que tal unidade não fuja a alguma 'aproximação positiva'. Em outras palavras, não se pode permitir que o *sujeito* se reduza a mero símbolo linguístico, nem se deve conceder que seja algo fundamentalmente deslocado do campo da experiência.

Em consonância com a perspectiva assumida até então, a base da unidade subjetiva é vasculhada a partir do *senso de identidade*, ou melhor, daquilo que se apresenta como tal à introspecção. Para James, a constatação da identidade pessoal, como qualquer outro julgamento de identidade, baseia-se ou na *semelhança* constatada entre eventos descontínuos ou em alguma experiência de *continuidade*. Podemos dizer que se trata da *mesma* cadeira porque reconhecemos a mesma cor, textura e estrutura que vimos ontem ou porque experienciamos sua pintura ou modificações estruturais. O que é importante notar, todavia, é a mudança na base dessa identificação: não se trata mais do processo reflexivo constante; isto é, que o pensamento se perceba pensando a todo instante, como, por exemplo, Locke afirma no *Ensaio*, mas, no mínimo, os sentimentos (*feelings*) que acompanham toda a atividade do pensamento e que se apresentam na forma de *calor e intimidade* nas circunstâncias futuras.

Esse índice sensível pode ser tomado, metaforicamente, como a *marca* impressa em um rebanho e que permite a seu *dono* reconhecer cada animal como seu. A identidade, portanto, se alicerça nesse processo de identificação e pertencimento, e deve valer enquanto tal processo for possível; em outras palavras, quando acaba a possibilidade de identificar a semelhança e a continuidade, termina também a noção de identidade – o que atesta a ênfase no papel desempenhado pela memória na formação de uma identidade pessoal. Até aqui, há pouco mais do que uma explicitação, e um endosso, do empirismo inglês, cujo mérito, ressalta James, parece ter sido o de “retirar o tema de um lugar tão obscuro”.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A posição assumida por James remete a noção de *Eu* ao interior do próprio fluxo, caracterizando-o como sua *seção atual* e não como uma entidade diferenciada e, portanto, “pura”. É porque o pensamento é cognitivo que ele pode tomar-se como objeto, ainda que tal característica não possa ser justificada. É isso que nos permite, agora, pensar nossas diferentes e remotas experiências e, ao fazer isso, *ancorar* nossos mais variados selves ao longo do tempo.

Posto desta forma, a posse atual estabelecida pelo pensamento parece meramente *representada* a cada momento e não fornece, como já indicado, nada além de uma simples unidade psicológica. Mais uma vez, a análise conduz ao ponto que o empirismo já havia chegado. A proposta de James, no entanto, funda-se na impossibilidade de “errância” e indica a transição, aproveitando ainda a mesma metáfora, como 'transmissão dos títulos de posse'; ou seja, qualquer instante particular no fluxo é o desdobramento necessário de toda uma cadeia anterior na qual se insere e da qual se *apropria* e, assim, mantendo-a viva. A chave dessa posição está no sentido próprio de *fluxo* estabelecido por ele: não se trata de justaposição de estados mas, sim, de diluição e interpenetração. Dessa forma, a descrição fundada em uma introspecção acurada, na medida em que dispensa os embaraços especulativos para lidar com o problema do *sujeito*, parece cumprir o objetivo de oferecer uma alternativa adequada ao projeto científico da psicologia.

## CONCLUSÕES

O objetivo que nos propusemos foi mostrar a fecundidade do diálogo entre filosofia e psicologia. Procuramos destacar, na contramão da opinião comum, que o projeto experimental assumido pelas psicologias no século XIX se relaciona, às vezes de forma ríspida, com o passado filosófico da disciplina, mas a divergência pode oferecer soluções variadas para problemas comuns às disciplinas; como, por exemplo, a questão do *Sujeito*.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A posição de William James aparece como fruto de uma investigação norteada, segundo ele próprio, por “uma descrição livre de preconceitos” e sustenta a pretensão de figurar como alternativa às concepções tradicionais sobre o sujeito, o que lhe confere, inevitavelmente, um alcance filosófico. Isso se evidencia na seção final do capítulo sobre o *Self* nos *Princípios*, onde James passa em revista três grandes propostas, a saber, o empirismo, o espiritualismo e o transcendentalismo. Resta-nos perguntar, contudo, se esta análise incipiente garante, com algum rigor, a magnitude dessa pretensão.

## REFERÊNCIAS

BERTONI, P. G. & PINTO, D. C. M. (2007). Mudança e continuidade: a formulação jamesiana do pensamento como um fluxo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20 (2), 205-211.

JAMES, W. **Essays in radical empiricism**. Em: *The works of William James*. Cambridge: Harvard University Press, 1976

\_\_\_\_\_. **The principles of psychology** 3 vols. Em: *The works of William James*. Cambridge: Harvard University Press, 1981.

\_\_\_\_\_. On some omissions of introspective psychology. Em: **F. Burkhardt & F. Bowers (Orgs.): *Essays in psychology* (pp. 142-167)**. Cambridge: Harvard University Press, 1983

\_\_\_\_\_. The hidden self. Em: **F. Burkhardt & F. Bowers (Orgs.): *Essays in psychology* (pp. 247-268)**. Cambridge: Harvard University Press, 1983.

McDERMOTT, J. J. **Introduction**. Em: F. Burkhardt & F. Bowers (Orgs.): *Essays in radical empiricism* (pp. xi-xlvi). Cambridge: Harvard University Press, 1976.

MYERS, G. E. **William James: his life and thought**. New Haven: Yale University Press, 1986.

PERRY, R. B. **The thought and character of William James**. Boston: Little, Brown, and Company, 2 vols, 1935.

TAYLOR, E. **William James on exceptional mental states: The Lowell lectures**. Amherst: The university of Massachusetts Press, 1984.

\_\_\_\_\_. **William James on consciousness beyond the margin**. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1996.